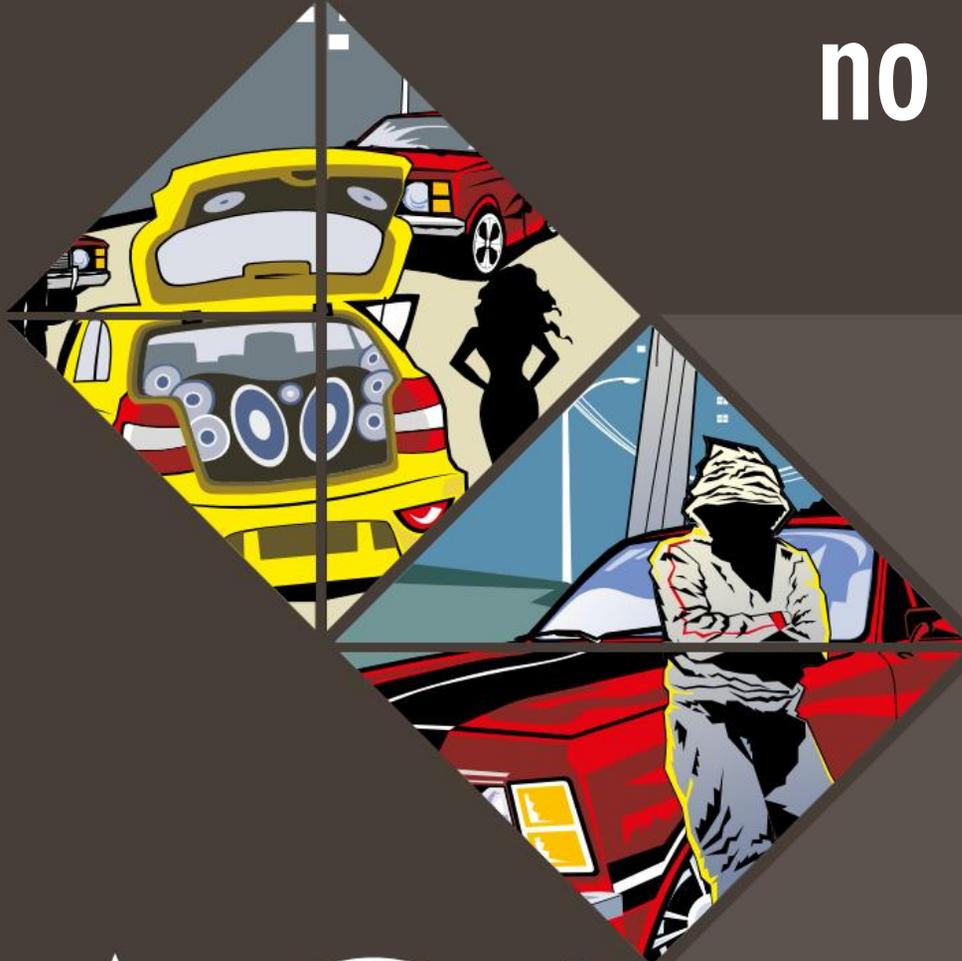


Sobrevivendo no inferno

de Racionais MC's
por Pamella Oliveira



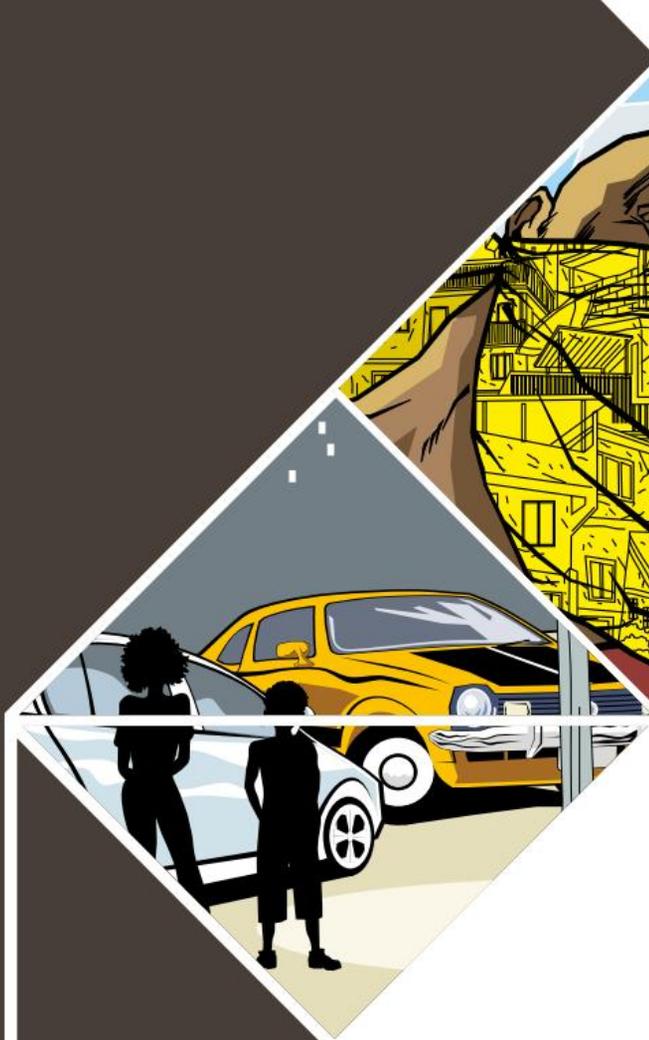
AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Autoria: Pamella Oliveira

Direção geral: Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial: Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial: Emília Noriko Ohno

Coordenação de projeto editorial: Andréa Cozzolino e Brunna Mayra Vieira da Conceição

Consultoria de desenvolvimento editorial:

Caroline Barbosa Lopes de Amaral

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Coordenação de licenciamento e

iconografia: Letícia Palaria de Castro Rocha

Analistas de licenciamento: Jade Cristina

Bernardino

Coordenação de produção editorial: Marcos

Vinicius de Toledo de Oliveira

Coordenação de edição de texto: Anaiza

Castellani Selingardi

Edição de texto: Thaís Inocêncio

Coordenação de revisão: Tamires Maldonado C. de Almeida

Revisão: Carolina Genúncio, Giselle Lourenço e Jéssica Anitteli

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico: Kleber S. Portela

Capa: Kleber S. Portela

Diagramação: Alexandre Moreira Lemes

Ilustração: Robson Araújo

Colaboração externa: Érica Bettoni (revisão)

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandre Luis Soares

Impressão e acabamento: Nywgraf

Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2019.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

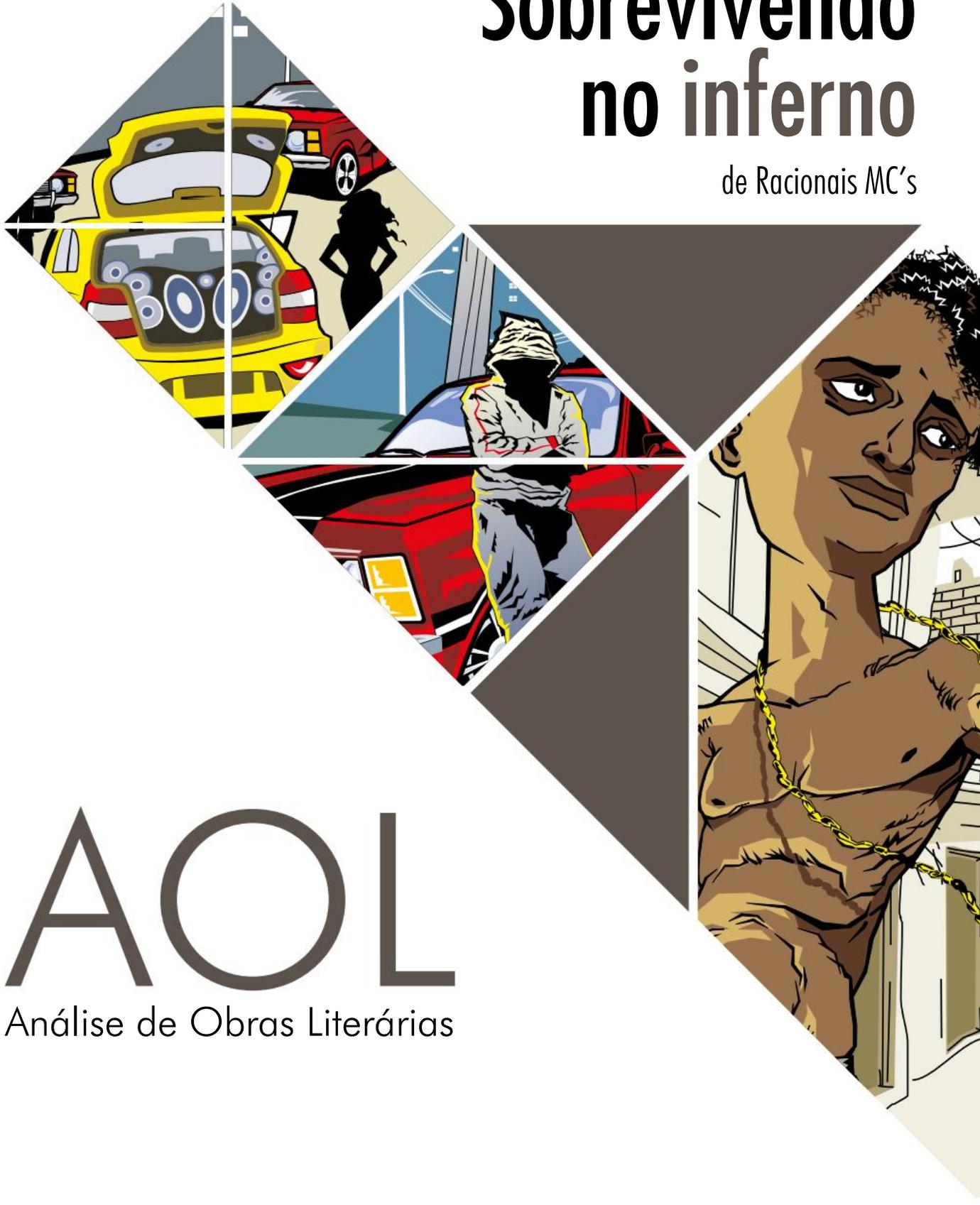
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Sobrevivendo no inferno

de Racionais MC's



AOL

Análise de Obras Literárias



A faixa "Gênese" de introdução do álbum *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais MC's, é uma pequena amostra do que o disco apresenta e da sua importância enquanto instrumento político que dá voz à periferia. Essa abertura de paradigma, além de pressupor as novas mídias pelas quais a literatura se expressa, explora a música como importante elemento para a compreensão do presente.

SOBRE O GRUPO ▾

Pequena biografia do grupo

Em 1988, Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões) fundaram aquele que seria o maior nome do *rap* no Brasil: o Racionais MC's. Muito influenciados pela música negra, o nome do grupo foi inspirado no álbum *Racional*, de Tim Maia. Oriundos da periferia de São Paulo, lançaram-se no cenário do *rap* e do *hip-hop* em 1989, com uma participação na coletânea *Consciência black*, trabalho com foco em música negra que inaugurou o selo Zimbabwe Records no mercado.



RACIONAIS
MC's

RACIONAIS MC's

MC's RACIONAIS

MC's RACIONAIS

RACIONAIS
MC's

RACIONAIS
MC's

A criação do grupo teve início com a dupla B.B. Boys, formada pelos amigos de infância Mano Brown e Ice Blue, moradores da periferia paulista. Naquela época, eles não tinham um DJ exclusivo, por isso, para expressar sua música, precisavam rimar de forma improvisada em cima de qualquer base. Enquanto isso, na zona sul, KL Jay tocava como DJ e trabalhava com Edy Rock. Conhecendo ambas as duplas, o produtor Milton Salles vislumbrou a união delas em um grupo único, com uma formação até então inovadora, pois contaria com um DJ e três vocais principais.

O primeiro LP do Racionais MC's foi lançado em 1990. *Holocausto urbano* tinha letras que denunciavam o racismo e a miséria da periferia de São Paulo, que estão na origem dos altos índices de criminalidade e violência característicos da região. Em 1991, o grupo abriu o *show* da banda americana Public Enemy, no Ginásio do Ibirapuera, um importante passo na carreira.

No entanto, somente em 1992, com o álbum *Raio-X Brasil*, o Racionais MC's ouviu as próprias músicas nas rádios e viveu um aumento significativo de seus *shows*. A música "Fim de semana no parque" é considerada pelo grupo como a responsável por divulgar seu trabalho no país, seguida de "O homem na estrada". Juntas, elas rapidamente se tornaram hinos nas rádios de *funk* e *rock* do Brasil.

Mesmo com diversos *shows* pelo país, o grupo passou por muitas dificuldades até conseguir se firmar na indústria fonográfica brasileira. Com o tempo, porém, as letras começaram a alcançar diversas classes sociais, levando-os a grandes casas de *show* em São Paulo e também a apresentações dentro da antiga Febem (atual Fundação Casa), instituição para menores infratores. O sucesso fez com que as ideias filantrópicas que o grupo já tinha fossem colocadas em prática com a possibilidade de atuação social na recuperação de jovens infratores e crianças expostas a situações de risco devido à realidade das favelas.

Assim, o Racionais MC's se envolveu em diversos projetos na área de educação, com destaque para o criado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que visava trabalhar nas escolas assuntos como drogas, racismo e violência policial. Ações como essa

transformaram o grupo em um importante agente de modificação social, levando-o a participar de *shows* em benefício dos soropositivos, campanhas de agasalho e de combate à fome, além de atuar ativamente em protestos políticos e sociais.

O álbum *Sobrevivendo no inferno*, lançado em 1997, foi o divisor de águas na carreira do Racionais MC's, pois marcou o momento em que se engajou mais seriamente em diversos grupos sociais, indo além daquele que sempre foi o recinto do seu grande público, a periferia paulistana. Os integrantes, no entanto, se apresentavam como antimídia, buscando ficar fora dos grandes veículos de entretenimento.

A principal voz do grupo, Mano Brown, que ocupa essa posição devido à sua facilidade em se expressar, chegou à esfera pública concedendo poucas entrevistas e tendo raras participações na grande mídia, mantendo-se sempre crítico a esses veículos de comunicação. Ainda assim, sua imagem não ficou ausente da televisão e dos jornais, que sempre faziam menção a ele, mesmo que fosse referindo-se de forma pejorativa como "mano" ou por meio de uma crítica ao *rap*, frequentemente acusado de incitar o crime.

Nesse período, o grupo ganhou inúmeros prêmios, inclusive da MTV Brasil, maior canal televisivo de música atuante no país naquela época. Na ocasião, durante seu discurso, Mano Brown ironizou o fato de estar sendo premiado frente a uma plateia repleta de pessoas cuja classe social divergia muito da dele e firmou seu compromisso de fazer música para a periferia. Ele também reforçou que, embora lutasse contra o sistema de consumo, representado pelas emissoras de TV, estava ali por ter assumido o papel de levar a voz da periferia para outros ambientes, rompendo com o isolamento imposto pelo sistema dominante.

Mesmo ganhando espaço no universo musical, o Racionais MC's nunca deixou de tocar nas periferias carentes, consideradas pelo grupo como seu verdadeiro público. Vale destacar que *Sobrevivendo no inferno* chegou à marca de 500 mil cópias vendidas sendo distribuído pelos próprios integrantes em bancas de jornais, bailes da periferia, *shows*, camelôs etc.

Em 2002, o álbum *Nada como um dia após o outro dia* foi bem aceito pela crítica e trouxe sucessos como “Vida Loka I”, “Vida Loka II”, “Negro drama” e “Jesus chorou”.

Em 2007, o grupo lançou seu primeiro DVD, pelo selo Cosa Nostra, contendo principalmente imagens do *show* de 2004 feito no Sesc Itaquera, em São Paulo, além de vídeos de viagens, conversas entre os integrantes e um minidocumentário produzido por Mano Brown sobre os bailes *black* na periferia paulista.

Tendo ultrapassado a marca de um milhão de cópias com *Sobrevivendo no inferno*, o grupo se manteve sempre atuante na periferia de São Paulo e realizou um boicote às grandes mídias, recusando convites para se apresentar nos canais da TV aberta, bem como nos grandes festivais do país.

Em determinado momento, a polícia passou a marcar presença nos *shows* do Racionais MC’s, pois era comum que houvesse confusões e brigas nesses eventos. Isso fazia com que o grupo fosse constantemente acusado de incitar a violência, quando, na verdade, ele fazia uma denúncia do que já acontecia nas periferias. Por isso, os integrantes ficaram conhecidos como “os pretos mais odiados do Brasil”.

Em 2014, a turnê de 25 anos de carreira, produzida pela Boogie Naípe, passou por várias cidades do Brasil e rendeu a eles o prêmio Multishow. No mesmo ano, o grupo lançou seu sexto álbum, *Cores e valores*, que trouxe músicas inéditas depois de 12 anos sem novas composições.

Prêmios:

O Racionais MC’s recebeu inúmeros prêmios de música, entre os quais se destacam: VMB – Escolha da Audiência (1998); Prêmio Hutúz – Grupo (2002); VMB – Clipe do ano (2012); Prêmio Multishow – Melhor show com a turnê de 25 anos do grupo (2014); Rolling Stones Brasil – Melhor álbum (2015).

O grupo e seu período

Em 1989, ocorreu a histórica manifestação na Praça da Paz Celestial, na China, que deixou inúmeros manifestantes mortos. O conflito ficou eternizado pela imagem de um homem de camisa branca que, sozinho, enfrentou os tanques de guerra posicionados ameaçadoramente nas ruas de Pequim. No mesmo ano, houve a queda do Muro de Berlim, episódio que marcou a desestabilização do bloco socialista e, conseqüentemente, da esquerda. Ao mesmo tempo, o crescimento do neoliberalismo levou ao aumento da pobreza e da violência nas periferias das grandes cidades. Assim, o *rap* surgiu como movimento de crítica a essa situação social.

Acompanhando as mudanças que definiram a chamada Nova Ordem Mundial, o cenário brasileiro também passou por muitas transformações. Em 1989, as classes populares se organizaram em torno de movimentos sociais e sindicatos, e o país teve sua primeira eleição direta após 29 anos de governo militar. O início da democracia no Brasil ficou marcado pela disputa que levou Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva ao segundo turno das eleições presidenciais, com a vitória do primeiro.

Assim, o fenômeno Racionais MC’s surgiu em um momento em que caíam as barreiras impostas pela censura do governo militar ao potencial crítico da arte brasileira, em especial das músicas, o que havia levado muitos artistas a se exilar ou reformular suas criações. Por isso, nos primeiros cinco anos da década de 1990, houve um amplo crescimento das manifestações culturais politicamente engajadas. Nesse período, o *rap* e outras expressões artísticas da periferia brasileira despontaram como elemento de crítica social.

Inserido nesse contexto, o álbum *Sobrevivendo no inferno* apresenta uma abordagem da história do país, principalmente de aspectos sociais e políticos dessa época. As músicas retratam o cotidiano da periferia, mais especificamente do jovem negro, sobrevivente de uma sociedade marcada pela violência, pelo racismo e pela exclusão social.



Nesse cenário, a crítica social deixou de ser uma exclusividade das discussões acadêmicas e passou a ser acessível, tornando-se presente nas novelas da TV aberta e nos temas das escolas de samba, bem como na música, no cinema, na literatura etc. O *rap*, por sua vez, conquistou espaço na chamada *black music*, difundindo-se pouco a pouco entre os jovens nos encontros musicais organizados nas estações centrais do metrô de São Paulo, fruto de uma aproximação com o movimento *hip-hop*. Assim, a *black music* se espalhou entre a juventude negra e pobre dos bairros de periferia, principalmente nos bailes organizados nas comunidades. São destaques nessa expansão da música negra os artistas Jorge Ben Jor e Tim Maia, cantores que influenciaram muito a trajetória do Racionais MC's.

Mano Brown, principal letrista do grupo, não perde a oportunidade de mencionar a influência de Jorge Ben Jor em seu trabalho. É dele, inclusive, a faixa de abertura do álbum *Sobrevivendo no inferno*, "Jorge da Capadócia". É inegável a importância do papel de Jorge Ben Jor na divulgação da música popular brasileira para o mundo com sua obra inovadora que une samba e *rock*, destacando em suas letras as raízes negras do Brasil.

Outra importante marca do período foi a implantação de políticas neoliberais, alavancadas pelo Plano Real, que se apoiavam em um discurso de prosperidade e de incentivo ao consumo. Desse modo, surgiram diversos condomínios fechados e houve uma intensiva privatização dos serviços públicos, fatores que, somados aos baixos salários e ao alto índice de desemprego, ampliaram as desigualdades sociais. Isso acentuou a insatisfação das camadas sociais menos favorecidas, historicamente exploradas e legadas a um plano de servidão, a quem são negados até os direitos mais básicos, como educação de qualidade, moradia digna e saúde.

Essa situação sociopolítica fez com que a pobreza se tornasse o principal pano de fundo das músicas do Racionais MC's. Outro tema frequente nas letras é o medo que domina a juventude pobre em um país onde são mortos cerca de 23 mil jovens por ano. O cemitério São Luiz, citado em uma das músicas do álbum *Sobrevivendo no inferno*, tornou-se um símbolo triste dessa realidade, pois recebe um grande número de jovens negros mortos, vítimas da violência urbana, que é fruto da miséria e da desigualdade.

Na época em que o álbum foi lançado, a política social do então presidente Fernando Henrique Cardoso procurava mascarar a desigualdade e o racismo divulgando uma pretensa democracia racial que ignorava os números de assassinatos de jovens negros e a realidade social da população pobre de maioria negra das periferias.

Assim, nos anos 1990, a violência no Brasil chegou ao auge. Em 2 de outubro de 1992, ocorreu o fatídico Massacre do Carandiru, que escancarou para o mundo o extermínio da população carcerária composta majoritariamente de negros oriundos das periferias. Nesse dia, após uma suposta rebelião, o coronel Ubiratan Guimarães liderou uma invasão à Casa de Detenção, que resultou na morte de 111 detentos.

Em 1993, houve um episódio sangrento semelhante, conhecido como Chacina da Candelária, em que oito adolescentes e crianças em situação de rua foram brutalmente assassinados por policiais e ex-policiais enquanto dormiam em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Quase todas as vítimas eram negras. Apenas um mês depois, o bairro Vigário Geral, também no Rio de Janeiro, foi cenário de uma chacina orquestrada por um grupo de extermínio formado por cerca de 36 homens, que invadiu a favela e executou 21 moradores.

Outros eventos similares se sucederam, evidenciando o abismo construído entre as camadas sociais. Em 1992, brigas e roubos nas praias do Rio de Janeiro foram destaque na mídia e ficaram conhecidos como “arrastão”, o que denunciava a deficiência na segurança pública nos bairros de classe média alta. Os bailes *funk* e as disputas por território na periferia, normalmente associadas ao tráfico de drogas, também alimentavam confrontos com a polícia.

Em São Paulo, expandia-se o movimento *hip-hop* como representante da identidade da juventude da periferia, onde ocorria um alto crescimento demográfico, reflexo do aumento de desempregados e do descrédito total nos partidos políticos e nos movimentos sociais. Diante disso, o aumento da violência atingiu níveis inéditos, chegando ao pico entre 1997 e 1999, quando os bairros da zona sul paulista atingiram índices semelhantes aos de países em guerra civil.

Esse contexto alimentou, principalmente entre os mais pobres, um individualismo sistemático. Sem esperança e sem ter em quem confiar, restava a cada um viver por si só. A tensão estava na ordem do dia, e sobreviver era a principal preocupação, especialmente dos jovens. Aproveitando-se do clima de desesperança, medo, ódio, frustração e insegurança gerado pelo abandono do Estado, o narcotráfico se fortaleceu, tornando-se muitas vezes o único caminho de sobrevivência possível para os jovens da periferia, levados a se aliar a ele como forma de se proteger da extrema pobreza, o que gerava uma falsa sensação de segurança.

Inseridos em um cenário musical que pouco se posicionava criticamente e tendo a miséria como uma constante, o grupo Racionais MC's transformou-se no porta-voz das denúncias das mazelas sociais a que estavam submetidos os moradores das comunidades, principalmente os jovens negros, vítimas da desigualdade social e, por isso, levados a se aproximar da criminalidade. De certa forma, o grupo foi o responsável pelo despertar dessa minoria, que, de maneira inédita, ouvia negro falando da realidade do negro, com conhecimento de causa.



Assim, o Racionais MC's passou a incentivar o reconhecimento do indivíduo como negro e as políticas de afirmação, a fim de tornar a sociedade mais justa e menos excludente. Essa tomada de consciência, no entanto, não surgiu instantaneamente; ela foi fruto de uma construção iniciada pelo *rap* dos Estados Unidos, que tinha as figuras inspiradoras de Malcolm X e Martin Luther King Jr. como ícones da cultura negra. O fato de o Brasil não ter assumido claramente uma postura de segregação racial, por muito tempo, deu a falsa sensação de que o negro não sofria discriminação, permitindo que o preconceito se tornasse enraizado e persistente hoje em dia, o que se reflete em dados.

O Atlas da Violência de 2018 revelou que o homicídio de jovens homens negros é 2,7 vezes maior do que o de jovens brancos. Além disso, 76,2% das vítimas de atuação policial são negras, número que dialoga com as críticas feitas pelo Racionais MC's, o que demonstra que, desde o lançamento do álbum, há 21 anos, não houve mudanças positivas significativas nesse cenário lamentável.

Vale lembrar que a lei 7.716, que torna inafiançável o crime de racismo, foi sancionada em 1989. Ainda assim, nossa sociedade sofre as sequelas de um racismo estrutural, que se vale de práticas sutis para corroborar a discriminação. É justamente essa discrepância na Constituição que as letras do grupo denunciam, apontando o Estado como o principal antagonista.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do grupo

Álbuns

- *Cores e valores* – ONErpm – CD (2014)
- *Mil trutas, mil tretas* – Cosa Nostra Fonográfica – DVD (2007)
- *Nada como um dia após o outro dia* – Cosa Nostra Fonográfica – CD (2002)
- *Sobrevivendo no inferno* – Cosa Nostra Fonográfica – CD (1997)
- *Racionais MC's* – Zimbabwe Records – CD (1994)
- *Raio X Brasil* – Zimbabwe Records – CD (1993)
- *Escolha o seu caminho* – Zimbabwe Records – CD (1992)
- *Holocausto urbano* – Zimbabwe Records – LP (1990)
- *Consciência black* – Zimbabwe Records – LP (1988)



Aspectos gerais da produção literária

Recentemente, a crítica literária também tem se voltado aos aspectos estéticos das músicas, um assunto ainda recente nesse campo de análise. No entanto, o álbum *Sobrevivendo no inferno* exige uma abordagem não apenas estética, mas também social e política, por isso é necessário considerar a realidade em que os integrantes do grupo estavam inseridos quando o produziram.

Os pontos de vista abordados nas músicas desse álbum, bem como nos outros trabalhos do grupo, são perspectivas de quem cresceu na periferia de São Paulo nos anos 1980 e 1990. Assim, não há como dissociar as experiências dos integrantes do grupo das letras das músicas, que refletem o cotidiano das periferias e seus processos sociais. Segundo Mano Brown, grande parte da obra está baseada no que ele chama de “conceito da violência contra a violência”, motivo pelo qual suas músicas são encaradas como uma espécie de afronta ao sistema que esmaga quem vem da periferia.

A violência estrutural da sociedade encontra uma resistência na lucidez do Racionais MC's, que, expondo a realidade das pessoas que sofrem com isso, acaba chamando atenção para o que acontece fora do contexto hegemônico da classe média e jogando luz sobre a periferia e os menos favorecidos.

Em letras como “Rapaz comum”, podemos perceber como o jovem negro vive uma situação de risco constante, estando sempre no olho do furacão da violência e sentindo-se o próximo alvo. O extermínio da população negra é um fato, e a letra critica a ideia de que essas mortes são naturais, um caminho comum.

As letras têm um tom agressivo que, muitas vezes, é confundido com incitação à violência, quando, na verdade, é carregado de acusações contra aqueles que relegaram os menos favorecidos a um papel secundário na sociedade, como se suas vidas valessem menos. O público-alvo das letras é o indivíduo da periferia, a quem elas buscam despertar a consciência. Mano Brown já disse em inúmeras entrevistas que faz música para pessoas que, assim como ele, vivem em situação periférica, portanto se comunica com os “manos”, e não com “playboys”.

Desse modo, pode-se dizer que é a causa coletiva que está em jogo nas letras do grupo. Trata-se de uma tentativa de enxergar além do óbvio e encontrar formas alternativas de sair da mira da polícia e do crime, estancando o rio de sangue sem, no entanto, abaixar a cabeça e tornar-se o negro que a elite convenientemente projeta. A busca por se fazer ouvir tem o objetivo de transmitir a realidade, de combater os símbolos da sociedade de consumo e promover a real identificação com a periferia, que não se rende aos ideais burgueses, como revela a letra de “Capítulo 4, Versículo 3”.

Como um todo, as músicas procuram atingir uma questão moral, colocando o grupo como um porta-voz da periferia, com a autoridade de quem fala do que viveu, capaz de levar ao público o cotidiano de quem vive às margens da sociedade. Caracteriza-se, assim, uma fala que ora assume a voz dos “manos”, ora a do herói que aponta a eles outro horizonte possível.

Aspectos gerais da obra analisada

A obra *Sobrevivendo no inferno* representa uma parte importante da história do Brasil. Cada uma das canções que compõem o álbum retrata a realidade de muitos brasileiros. Os integrantes do grupo, imersos naquele ambiente de ódio, violência, pobreza e injustiças, deram voz às mazelas das periferias através do *rap*. Isso foi um marco na música popular brasileira.

O álbum é composto de doze canções, entre introdução e conclusão, com longas letras que tentam sintetizar a voz dos excluídos. Por isso, são comuns as músicas de oito ou até doze minutos.

As rimas de Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue dão destaque para o trabalho sonoro orquestrado por KL Jay. As associações são reflexivas e se mantêm de forma intensa até o fim da canção, sendo geralmente marcadas ao pé dos versos. Elementos sonoros se unem aos poéticos para embalar um discurso cru repleto de referências violentas, expressas por meio de ironias, rimas e oralidade.

Em entrevista, Mano Brown afirmou que a obra trouxe mesmo uma perspectiva de inferno para os integrantes. Considerada a bíblia do *rap* brasileiro, o álbum tem, de fato, muito conteúdo religioso e, por isso, ele acredita que as questões repetidas nas letras acabaram atingindo um propósito maior. O líder do grupo associa a violência e perseguição policial que sofreram durante a divulgação desse trabalho à repetição incessante de algumas palavras. Segundo ele, “repetir as palavras muitas vezes, todo mundo, muita gente repetindo a mesma palavra, alguma coisa materializa, parceiro”. A própria capa do álbum introduz essa atmosfera religiosa, trazendo a imagem de uma cruz (que, mais tarde, ficaria intrinsecamente relacionada ao grupo em diversas referências) e o trecho do Salmo 23 da Bíblia. Esses são alguns dos elementos que demonstram o quase caráter messiânico que assumiu a música do Racionais MC's.



A imagem divina é constantemente repetida nas letras. Ela representa uma salvação possível, uma vez que já se perdeu a crença na justiça da sociedade. É o símbolo de esperança em um caminho de ascensão fora do crime e da violência.

A primeira faixa do disco é “Jorge da Capadócia”. Composta por Jorge Ben Jor, ela é um canto de reverência a Ogum, sincretizado com a figura católica de São Jorge, com a intenção religiosa de fechar o corpo, um ritual comum às religiões de matrizes africanas para atrair proteção e evitar que espíritos maus se aproximem. Essa é uma característica importante para quem crê no poder da palavra, na possibilidade de atrair o que se fala, como se mostrou Mano Brown.

Observação:

Em muitos momentos, o grupo “bebeu na fonte” da produção de Jorge Ben Jor. O cantor é constantemente citado como uma grande inspiração para todos os integrantes do grupo.

Em “Gênesis”, introdução e segunda faixa do álbum, a fala de Mano Brown apresenta a pouca perspectiva de vida daqueles que vieram de onde ele veio, contrapondo a metafísica de um mundo perfeito à sociedade que produz miséria, violência e morte. Dessa forma, traz à tona a ideia de que, apesar da crença em um Deus onipotente que criou o mundo e suas belezas, estas não foram garantidas a todos. Para alguns, só restam as invenções do homem: “o crack, a traição, as armas, as bebidas”.

“Capítulo 4, versículo 3” é iniciada com a fala de Primo Preto, que mostra estatísticas para o inferno em que vive. Denominando-se um sobrevivente, ele apresenta o número de negros vítimas de violência policial e assassinados, bem como o de negros que têm acesso às universidades. Na canção, destacam-se três recursos muito explorados na estética do grupo: o discurso religioso e os sentidos figurado e literal, lado a lado. A letra aborda as questões do jovem negro periférico que precisa conviver, de um lado, com a sociedade de consumo, que o faz acreditar que é preciso ter para ser e, de outro, com a miséria, impelindo-o, muitas vezes, para a ascensão oferecida pelo crime.

A própria dicção dos *rappers*, principalmente a de Mano Brown, transmite agressividade quando trata desse assunto. Somado a isso, a fala inicial da canção leva o ouvinte a questionar se o locutor está armado de versos, usando o *rap* como uma arma, ou portando uma pistola automática.

Observação:

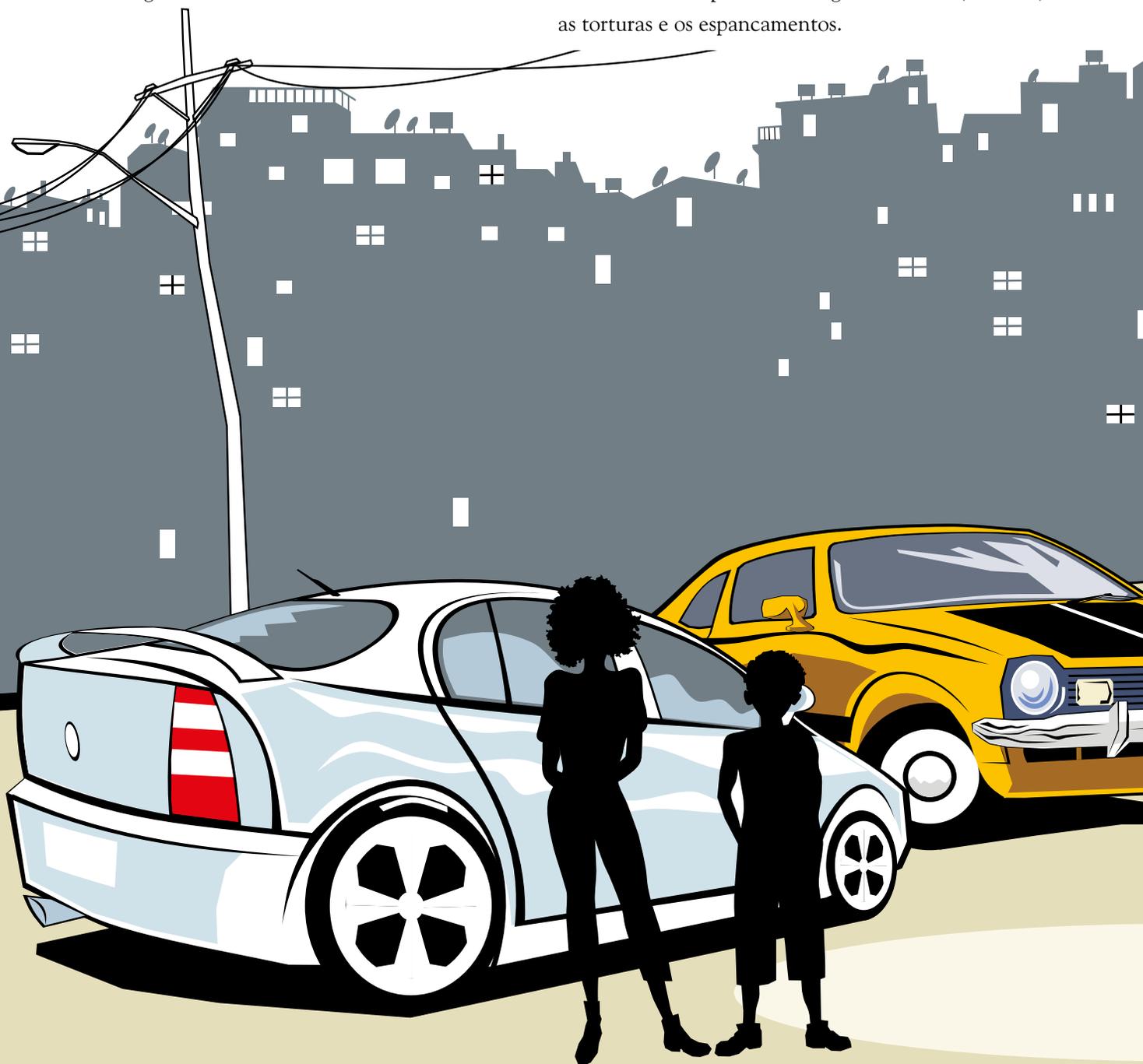
O verso “A primeira faz bum, a segunda faz tá” é uma referência a um comercial de lâminas de barbear dos anos 1990, o que demonstra o diálogo crítico da obra do Racionais MC’s com a indústria do consumo. Para eles, enquanto a televisão, o *outdoor*, o rádio e o jornal mostram produtos, a miséria impede muitas pessoas de tê-los.



São múltiplas as vozes presentes nos versos do grupo. Ora trata-se de uma pessoa comum da periferia, ora de alguém do mundo do crime, como é o caso da música “Tô ouvindo alguém me chamar”, a quarta do álbum. Nela, o eu lírico é alguém que comete furtos e assassinatos e, por isso, encontra-se em uma situação de constante vigília por sua vida, com medo do que pode lhe acontecer, seja a chegada da polícia ou uma cobrança de dívida do crime. A letra demonstra como a criminalidade, apesar dos percalços, mostra-se como uma alternativa para sair da miséria e se vingar da sociedade.

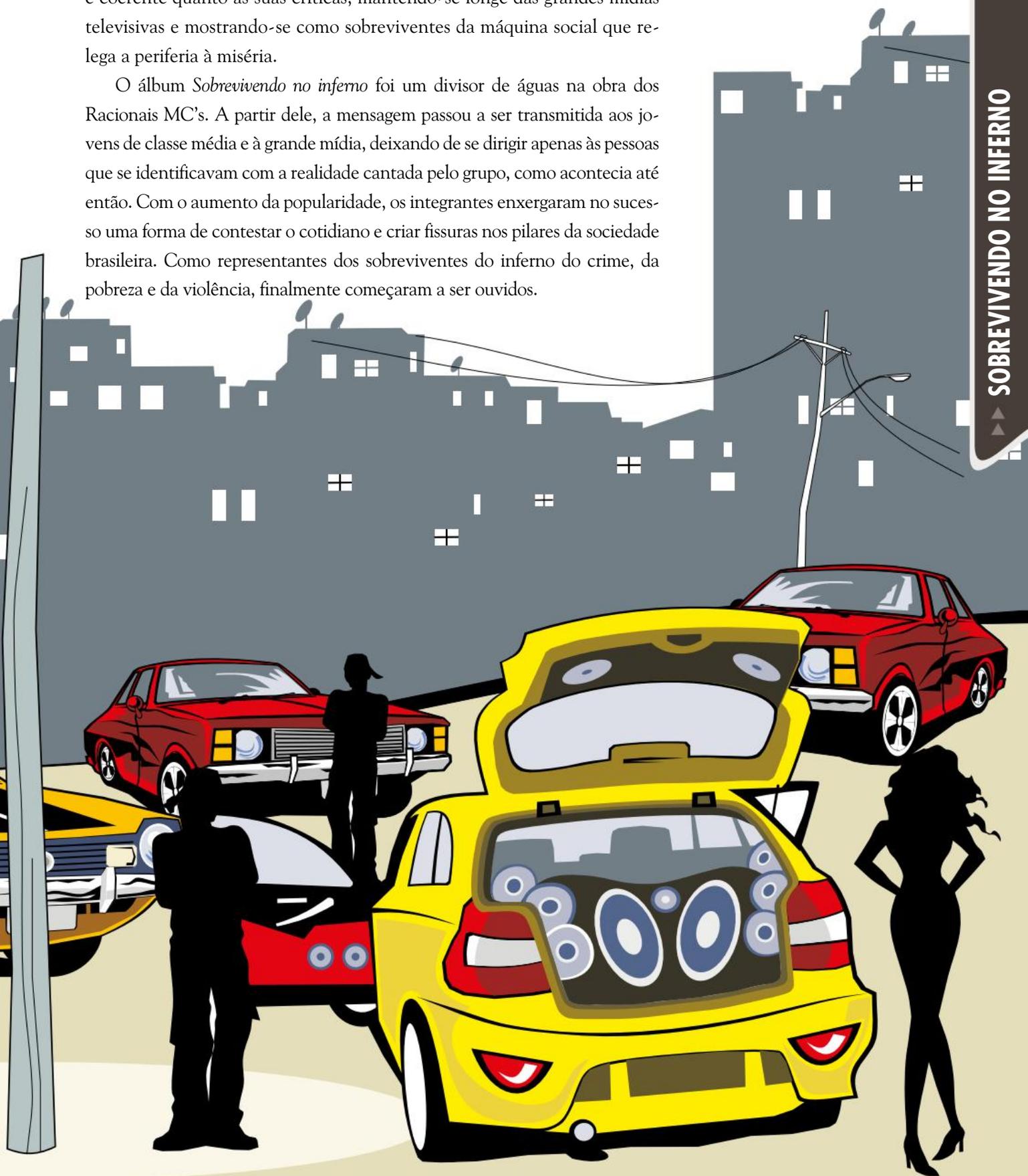
A musicalidade dialoga com a letra por um “bip” de equipamento hospitalar ouvido ao fundo durante toda a canção. Ao final dela, o barulho se torna acelerado, acompanhando o momento do personagem, que está em situação de perigo e é alvejado. Antes da música terminar, o bip se torna contínuo, o que indica que o aparelho deixou de marcar o batimento cardíaco.

Já a canção “Diário de um detento” foi composta por Mano Brown em coautoria com Josemir Prado (conhecido como Jocenir), um ex-detento do Carandiru. Nela, há uma descrição da experiência comum do cotidiano nos presídios: a vigília constante, o medo, as torturas e os espancamentos.



As letras do grupo Racionais MC's dão voz aos problemas causados pela desigualdade social a partir da própria experiência. O grupo também é coerente quanto às suas críticas, mantendo-se longe das grandes mídias televisivas e mostrando-se como sobreviventes da máquina social que relega a periferia à miséria.

O álbum *Sobrevivendo no inferno* foi um divisor de águas na obra dos Racionais MC's. A partir dele, a mensagem passou a ser transmitida aos jovens de classe média e à grande mídia, deixando de se dirigir apenas às pessoas que se identificavam com a realidade cantada pelo grupo, como acontecia até então. Com o aumento da popularidade, os integrantes enxergaram no sucesso uma forma de contestar o cotidiano e criar fissuras nos pilares da sociedade brasileira. Como representantes dos sobreviventes do inferno do crime, da pobreza e da violência, finalmente começaram a ser ouvidos.



QUESTÕES

1. Qual é a crítica social presente nos dez primeiros versos de “Diário de um detento”?

2. A referência ao Cemitério São Luiz é constante nas letras do Racionais MC’s. Explique o motivo dessa menção recorrente.

3. Ao longo da letra de “Fórmula mágica da paz”, o locutor agradece aos deuses e orixás por chegar aos 27 anos. Por que ele se considera um vencedor por ter chegado a essa idade?

4. Com base na letra de “Capítulo 4, versículo 3”, explique a relação estabelecida pela música entre os veículos de comunicação e os elementos espirituais.

5. Explique a crítica à abordagem policial presente na letra de “Qual mentira vou acreditar?”

6. A música “Diário de um detento” foi um marco na produção do grupo Racionais MC’s. Explique como ela abordou a crise do sistema carcerário no Brasil e o massacre do Carandiru.

7. **Enem 2017**

Fim de semana no parque

*Olha o meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
[...]*

*Olha só aquele clube, que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
[...]*

*Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso*

RACIONAIS MCs. Racionais MCs. São Paulo:
Zimbabwe, 1994 (fragmento).

A letra da canção apresenta uma realidade social quanto à distribuição distinta dos espaços de lazer que:

- A retrata a ausência de opções de lazer para a população de baixa renda, por falta de espaço adequado.
- B ressalta a irrelevância das opções de lazer para diferentes classes sociais, que o acessam à sua maneira.
- C expressa o desinteresse das classes sociais menos favorecidas economicamente pelas atividades de lazer.
- D implica condições desiguais de acesso ao lazer, pela falta de infraestrutura e investimentos em equipamentos.
- E aponta para o predomínio do lazer contemplativo, nas classes favorecidas economicamente; e do prático, nas menos favorecidas.

GABARITO

1. Os versos iniciais traçam uma crítica aos vigias da penitenciária, que, com o mesmo histórico do presidiário, vêm da periferia e muitas vezes “passam fome”, mas se sentem melhor do que os que estão encarcerados porque servem ao Estado.
2. O cemitério São Luiz é o terceiro maior de São Paulo e, nos anos 1990, ficou conhecido como o destino das vítimas de violência na região que compreende o Jardim Ângela, o Jardim São Luiz e o Capão Redondo. A maioria dos corpos enterrados ali eram de jovens negros da periferia.
3. Estatisticamente, o jovem negro da periferia morre antes dos 27 anos. Por isso, o número é considerado um marco na vida de quem mora no subúrbio de São Paulo, e superá-lo é uma vitória para essas pessoas.
4. As letras do Racionais MC's abordam a questão da sociedade de consumo como um problema social, que aumenta a frustração de quem vive em situação miserável ou próxima disso. Nesse contexto, rádio, jornal e revista exibem produtos e serviços que as pessoas da periferia, em situação menos abastada, não têm condição de ter. Por isso, a letra associa esses meios de comunicação com o demônio, sendo eles uma espécie de tentação que leva o jovem a entrar no mundo do crime. Deus é, assim, uma salvação para superar esse desejo.
5. A fala do policial é ironizada pela referência ao racismo presente na abordagem da polícia, alegando que sua ação não é racista, pois possui um distante parentesco com uma pessoa “mestiça”. O locutor também dá a entender que essa é uma abordagem recorrente.
6. A letra critica a crise do sistema penitenciário ao mencionar as condições subumanas em que viviam os detentos, com celas lotadas, odores pútridos, comida em condição indigna, violências e castigos. Sobre o extermínio da população carcerária ocorrido na Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, há uma clara menção a uma manobra do sistema para matar covardemente os detentos. Essa ação é indicada a Luiz Fleury, então prefeito de São Paulo.
7. D
No campo explícito, o autor do texto traça um paralelo comparativo entre duas realidades distintas: uma delas desenvolvida socioeconomicamente e a outra não. Com isso, a tese do texto aponta para as diferentes condições de acesso a espaços de lazer, conforme aponta a alternativa D.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br



1 9034 11 000234